



manual de inutilidades poéticas

liev meridian

poemas

MANUAL DE INUTILIDADES POÉTICAS

Liev Meridian

POEMAS

*** * ***

BREVE BIOGRAFIA DO POETA

por: ANANELIA SANTOS DA SILVA

Iª PARTE

Erranças de criança

“Penetra surdamente no reino das palavras.
Lá estão os poemas que esperam ser escritos.”
(Carlos Drummond de Andrade,)

I

Uma coisa que aprendi nas estradas de minhas
erranças:

Nunca perguntar para o mendigo
As sete formas de o bom viver,
Pois ele não te saberá responder.

Primeiro: vá às margens de cola salobra do Mundaú
- Mundaú pra quem não sabe é um rio da região
nordestina –
E conte quantos mandacarus ele põe por dia.

Segundo: ao desacordar não se lava o rosto
Que é para ficar do jeitim que se é
E se estiveres nu, não é azar
É sortilégio de nuvem.
Permitas que à frescura do vento te acaricie as
maçãs.

Terceiro: estuda o que nunca plantaste com certa
ternura

Das folhas ardentes da alface

Note sua verdura inebriante

E, por desfecho, descreva cada veia

Que, por desventura, descubra dentro dela.

Quarto: se puderes cavalgues de olhos desabertos

Pulando nuvem a nuvem.

Faça uma visita à casa de João-de-barro

Ou à toca do pica-pau só para constatar

Como pó de serra vira verso.

Quinto: vá a algum lugar, seja serra, monte, rio,
praça, oca, mar, lagoa...

Esqueças por algum segundo o teu corpo

Na profundidade sapiente duma caverna

Só para revelar-te noutro.

Sexto: não contes nunca nenhum tropeço
Nem curtas nunca feridas tuas
Deixes que o tempo se encarregue
Disso, pois a ele compete a contabilidade cósmica.

Sete: esqueças tudo que te disse
Pois nada e tudo são
Inutilidades e meninices.

II

Como fazer desprender o anil azul do céu?

É só tirar-lhe da boca da noite

O termo finito do dia

Depois é só esperar

O chiar doloroso do tempo.

III

Aprende-se liberdades
Xeretando o mundo dos passarinhos
Passando-se por passarinho
Voando como eles,
Entanto, nunca o homem voará
Porque o Criador do Céu não lhe conferiu asas.
Já o poeta, este sim
É capaz de decolar
Não é homem nem mulher
É criatura andrógena infinita
Que já nasceu de um voo.

IV

Nenhuma Reforma me aprisionará
Nenhuma casca de letra que se pinte
Há de necessitar a ordenança humana
Embora que ultrapassada esteja
Esta borboleta feita de palavras
Aviva-se no jardim inviolável da invenção.

V

Um dia alguém bateu na madeira
Da minha porta sincera
E minha toca foi à lona:
Quanta miséria, quanto sonho
Etc.,
Etc.,
Etc...
Só o par de olhos ficou de pé.
Nesse dia me veio a mulher
Com seu corpo de algodão doce
Fiquei laçado por ela, até hoje.